

O contato com o mercado de trabalho e o aprendizado de radiojornalismo e disciplinas afins¹

The contact with the job market and the learning of radio journalism and related class subjects

Thays Renata Poletto ^(a)

(a) Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, onde foi membro do corpo docente da mesma instituição no Curso de Comunicação Social, atuando nas habilitações de Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas. Hoje, atua na Unibrasil, como professora de Comunicação Social, para as habilitações de Jornalismo e Relações Públicas. É aluna especial do Doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). tpoletto@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência realizada com alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Tuiuti do Paraná. Durante quatro anos, foram desenvolvidas atividades de visitas técnicas a emissoras de rádio de Curitiba e Região em disciplinas referentes a rádio ou áudio. A participação dos universitários nas visitas era voluntária, assim como a organização e condução do programa de visitas, que também era aberta à comunidade. A intenção inicial das visitas era proporcionar aos universitários a observação de aspectos práticos do trabalho de uma emissora, maior contato com o mercado e estimulá-los a ouvir rádio. Posteriormente, percebeu-se um avanço dos visitantes nos trabalhos radiofônicos realizados em sala, com especial ganho para a questão da linguagem, estruturação de programas e improviso. Também, o interesse pelo debate sobre assuntos como programação, locução e participação dos ouvintes tornou-se mais rico. As visitas proporcionaram ainda um momento de encontro e intercâmbio entre os alunos de diferentes habilitações e períodos letivos e, até mesmo entre os alunos e seus familiares. Houve ganho, principalmente para os que participaram das sessões posteriores de debates, ocorridas tão logo às visitas. A utilização de fotos das visitas e de trechos de programas enriqueceu as sessões. Embora o texto esteja voltado a questões ligadas ao ensino de rádio, provavelmente a experiência poderá ser útil a docentes de outras áreas, já que o relato exposto aqui descreve e avalia os procedimentos de uma visita técnica e sua aplicação a práticas em sala de aula.

Palavras-chave: Educação. Trabalho. Radialismo.

¹ Trabalho enviado ao II Congresso “A formação humana: discussões e análises, continuidades e rupturas”, realizado de 4 a 6 de julho de 2007, em Curitiba.

Abstract

This article presents an account of experience conducted with students from Universidade Tuiuti do Paraná's Social Communications course. During four years, activities of technical visitations to radio stations from Curitiba and Vicinities were conducted during class subjects regarding radio or audio. The participation of college students on visitations was voluntary, as well as the organization and conduction of the visitation schedule, which was also open to all the community. The initial intention of the visits was to provide for college students opportunity to observe practical aspects of the work on a radio broad casting station, greater contact with the radio market and to stimulate such students to listen to the radio. It was noted thereafter an improvement of quality on radiophonic tasks conducted by those who visited radio stations, with special gain on the matter of use of language, organization of radio shows and improvisation. Also, the interest in debating subjects as programming, speech, and participation of audience has become richer. The visitations also allowed a moment of meeting and exchanging information among students from different majors and grades, and even between students and their family. Gains were specially achieved to those who engaged on afterward debate sections, which took place right after the visitations. The use of photos taken during visitations and audio passages from the shows enriched the sections. Though the text is centered in matters regarding the teaching of radio, the experience may probably be useful to professors from other areas of study, since the accounts displayed here describe and evaluate procedures for a technical visitation and its practical applications inside the classroom.

Keywords: Education. Job. Radio.

O surgimento do programa de visitas

O ensino de disciplinas relacionadas ao rádio sempre teve suas deficiências em relação a estudos teóricos e pedagógicos. A primeira compilação de textos sobre Teorias do Rádio só foi lançada no Brasil em 2005², embora o primeiro curso superior no País tenha iniciado há mais de 50 anos.

Quando comecei como docente universitária, em 2000, tinha consciência dessa dificuldade teórica, mas acreditava que os alunos não

² MEDITSCH, E. (Org.) Teorias do Rádio - textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. O livro traz a contribuição de vários professores de rádio e foi produzido através do Núcleo de Estudos Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom.

teriam problemas com atividades práticas, porque deveriam ser ouvintes assíduos de rádio. Em minha primeira aula, na Universidade Tuiuti do Paraná, perguntei aos alunos do curso de Rádio e Televisão a mesma coisa que perguntava desde 1997, quando iniciei com cursos de capacitação em rádio para leigos: qual sua emissora preferida?

Dos 20 alunos que tinha, apenas três disseram ter uma emissora preferida. A maioria ouvia rádio em busca de música, e seus relatos denunciaram a falta de intimidade com o veículo. Um não conseguiu citar nenhum programa ou locutor. As respostas foram surpreendentes, pois acreditava que alunos de Rádio e Televisão fossem ouvintes assíduos, curiosos e críticos.

Durante os quatro anos anteriores, havia capacitado pessoas interessadas em rádio que não possuíam conhecimento teórico sobre o tema. Em todas as oficinas realizadas, em várias cidades do Brasil, os participantes respondiam sobre suas preferências na programação de rádio com entusiasmo e, por vezes, iniciava-se entre eles um debate acalorado.

Percebi um novo desafio e decidi enfrentá-lo, reorganizando minhas aulas e propondo mais contato com o mercado de trabalho através de visitas às emissoras. Este artigo traz o relato dessa experiência, descrevendo como se deram as visitas, procedimentos e resultados.

Procedimentos e desenvolvimento do programa de visitas

Da experiência de visitas a emissoras de rádio, participaram alunos das habilitações de Jornalismo e de Rádio e Televisão, do curso de Comunicação Social da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e, também, membros da comunidade.

Desde 2001, foram realizadas visitas técnicas a emissoras de rádio de Curitiba e Região com alunos de disciplinas referentes a rádio ou áudio. A experiência teve início no ano anterior como trabalho extra-classe, mas somente no ano seguinte foi organizada como um evento de extensão universitária, incluindo a participação da comunidade, porém, sem caráter oficial.

A intenção inicial era permitir a observação de aspectos práticos do trabalho em uma emissora, estimular a audição de programas de rádio e proporcionar maior contato com o mercado. Entre as rádios visitadas estavam emissoras do tipo AM (Amplitude Modulada), FM (Frequência Modulada) e rádio comunitária. Oito delas receberam mais de uma visita.

Coordenado voluntariamente, o projeto sofria com a falta de recursos e de apoio oficial. A organização das visitas dependia do calendário da professora, que precisava realizá-lo fora das jornadas de trabalho. Essas dificuldades refletiram-se na redução do projeto e em seus números: a intenção inicial era realizar duas visitas a cada bimestre, mas o projeto acabou atrasando.

As visitas eram marcadas antecipadamente e a divulgação sobre ela ocorria com 15 dias de antecedência. Os alunos eram estimulados a participar do programa, mas nunca houve obrigatoriedade. A partir do segundo ano, no entanto, os alunos receberam um incentivo maior: um pequeno acréscimo na em sua avaliação bimestral. Aos demais participantes (familiares e outras pessoas da comunidade), nenhum benefício foi concedido.

Cerca de 300 alunos foram convidados a participar do programa, 102 deles aceitaram; outras 24 pessoas da comunidade, a maioria familiares de alunos, também participaram. De cada visita, participavam entre três a 10 pessoas, pois um número maior de visitantes poderia atrapalhar o andamento do trabalho, já que as emissoras funcionam em espaços pequenos e o trabalho nesses locais é contínuo.

Os interessados deviam fazer inscrição (as visitas sempre tinham um número bastante limitado de vagas, previamente acordado com a pessoa que nos receberia na emissora) e recebiam orientações como: ouvir a emissora antes do dia da visita e, de preferência, no mesmo horário em que essa visita fosse realizada; buscar, na internet, dados sobre a emissora; fazer anotações de aspectos que considerassem interessantes na programação da emissora ou de dúvidas; levar essas anotações para a visita, máquina fotográfica e gravador (para o caso de se desejar fazer alguma entrevista). Outras orientações específicas e mais básicas (como deixar o telefone celular

desligado, chegar no horário e não tocar em nenhum equipamento) também eram dadas.

As instruções não foram logo redigidas para a primeira visita, mas foram sendo construídas ao longo do tempo, com a contribuição dos participantes e através das experiências vivenciadas nas visitas. A utilização dessa lista de recomendações procurava tornar a atividade mais proveitosa e limitar comportamentos que pudessem prejudicar o andamento do programa ou o relacionamento com as emissoras visitadas.

Todos eram alertados sobre seu compromisso com a visita.

Como as vagas eram limitadas, apenas a falta de um inscrito já era um grande prejuízo para o programa. Apenas nove pessoas não compareceram, sendo que somente duas não justificaram devidamente sua ausência. Na inscrição para o programa de extensão, o participante deixava seu telefone e e-mail. Até a quinta visita, a coordenadora ligava para os interessados um dia antes e recordava o compromisso. Depois o procedimento foi alterado: dois dias antes da visita e também exatamente no dia anterior, eles recebiam um lembrete via e-mail, com todos os dados sobre a atividade (data, hora, endereço e acesso da emissora, nome do programa, locutor etc.) e as recomendações descritas acima. O inscrito que não respondesse ao e-mail recebia uma ligação telefônica.

Cada visita possuía uma lista com os nomes dos participantes, que deviam registrar sua presença através dela. Também um documento foi criado para guardar as memórias pessoais das visitas: o relatório de visitas. Ele deveria ser preenchido por todos os alunos participantes. As pessoas da comunidade não precisavam fazê-lo, mas poderiam, caso desejassem.

Após as visitas, eram realizadas sessões de discussão, sendo um encontro a cada quatro visitas. As sessões reuniam pessoas que vinham de classes, períodos e cursos diferentes ou, até mesmo, que não tinham contato com nenhum dos alunos, permitindo, assim, a troca de informações. As experiências narradas incentivavam os participantes a realizarem novas visitas (colaborando com a permanência no programa), despertando a curiosidade sobre as emissoras. Relatórios e fotos tiradas durante as visitas eram muito importantes nesse momento, sendo que essas fotografias ajudaram a integrar

os participantes e a “quebrar o gelo” inicial, pois a maioria dos participantes das sessões tinha estado em diferentes rádios e não possuía experiência parecida com relação ao local visitado.

As sessões de discussão, que duravam entre 40 minutos a uma hora, também eram previamente agendadas e os avisos sobre a realização das mesmas eram enviados por e-mail.

Utilizar esse único meio reduziu a participação da comunidade, pois muitos não tinham endereço eletrônico.

Nas sessões, não havia pauta obrigatória; as anotações feitas durante as visitas eram lidas, mas procurava-se deixar que os assuntos fossem discutidos conforme as experiências iam sendo relatadas. Iniciava-se com apresentações pessoais (nome, vínculo com a universidade e emissora visitada) e, depois, para que os participantes comentassem o que lembravam das visitas, eram distribuídas fotos. Os participantes eram questionados sobre como haviam se sentido na visita, o que mais chamara a atenção.

Um assunto muito freqüente era a recepção dada à equipe. Em uma emissora FM, por exemplo, os visitantes foram mal recepcionados e a visita foi realizada em 10 minutos, foi sugerido, então, pelo grupo que a emissora não fosse mais visitada. A discussão nessas ocasiões também se dava sob hipóteses: os participantes eram provocados a imaginar-se na situação dos anfitriões na emissora e deviam dar soluções ao problema. As discussões tornaram-se boas ferramentas para o aprendizado sobre diversos assuntos, incluindo alguns temas extracurriculares como administração de empresas. Nem sempre as questões podiam ser resolvidas nas sessões, sendo assim, estimulava-se a leitura de livros.

Na terceira sessão, foi pedido a um aluno que trouxesse um trecho da entrevista que havia gravado sobre um tema polêmico: o “jabá”, pagamento feito às rádios para tocarem determinada música mais vezes. As discussões depois da audição desse material ficaram mais dinâmicas. Na sessão seguinte, a professora levou um trecho de um dos programas visitados, a sessão ficou mais rica. Constatou-se, assim, que os materiais de áudio eram de grande reforço para as sessões posteriores de discussão e esse procedimento foi adotado para os demais encontros.

Um problema freqüente com as sessões posteriores estava em convidar os membros da comunidade, porque o contato da coordenação do programa com esses era menor. No entanto, a participação deles era fundamental: o saber popular dava vida ao que desejava-se discutir mais teoricamente, sua visão sobre as emissoras era a visão de um ouvinte e isso enriquecia as discussões - afinal, respeitar o ouvinte é a regra principal de qualquer emissão radiofônica. Com os alunos, o problema era reduzido, mas só compareciam às sessões aqueles estudantes que já demonstravam interesse pela área de rádio ou que tinham encontrado na rádio alguma expectativa de trabalho. Assim, o número de debatedores era sempre menor do que o de visitantes: pouco mais de 30% dos visitantes participaram das sessões de discussão posteriores às visitas. Outro problema era o tempo percorrido entre as visitas e as sessões. A cada quatro visitas deveria ser realizada uma sessão, sendo duas a cada semestre; no entanto, por inúmeras dificuldades, não foi possível atingir essa meta, sendo realizadas apenas quatro sessões de discussão durante o ano.

Estudos avançados

Inicialmente, esperava-se que o programa de visitas funcionasse como uma extensão do que era ou seria visto nas disciplinas ligadas a rádio. Havia um interesse imediato em despertar vontade por ouvir as emissões radiofônicas nos alunos de Radiojornalismo, Produção para Rádio, Roteiro de Rádio e, também, naqueles que estavam concluindo o curso e realizando seu trabalho final sobre rádio. O programa, no entanto, não iniciou para dar alguma atenção à comunidade, mas para resolver dificuldades internas.

Depois das primeiras visitas, familiares dos alunos passaram a pedir para participar. Havia um desejo por parte das mães, tias e avós em conhecer o locutor preferido e em ver como um programa era feito. Assim, as visitas passaram a acolher, outras pessoas da comunidade. Dessa forma, foi necessária maior organização, planejamento e avaliação (realizada em sessões posteriores de discussão). Estando o trabalho articulado ao ensino e à pesquisa, tornou-se uma atividade de extensão universitária.

Esperava-se que as visitas trouxessem ganhos para as aulas: locução, programação, entradas ao vivo, edição de reportagens e outros materiais, participação do ouvinte eram alguns assuntos que se desejava aprofundar nas visitas. Aproximar o estudante de Comunicação Social da realidade do mercado era outra intenção.

No entanto, as visitas trouxeram esses e muitos outros temas à tona, alguns relacionados diretamente a conteúdos que deveriam ser vistos em sala. Outros não tinham relação direta, mas estavam conectados ao cotidiano radiofônico. Um exemplo claro é a questão tecnológica.

Na Universidade Tuiuti não havia laboratório de informática com softwares de áudio destinados ao uso dos alunos, havendo somente um único microcomputador no estúdio com um software para captar e editar áudio; porém, apenas os técnicos de som tinham permissão para utilizar o equipamento. Assim, percebe-se que o contato com o mercado contribuiu para ajudar os participantes a entenderem a importância da tecnologia na produção de áudio, edição de entrevistas, transmissão ao vivo de matérias, enfim, no cotidiano do fazer-rádio. Nesse sentido, a atividade trouxe aos alunos uma oportunidade não-programada inicialmente, mas de grande valia. As emissoras visitadas possuíam diferentes tipos de tecnologia, aqueles que puderam participar de mais de uma visita ou estiveram presentes às sessões posteriores de relatos de visita puderam perceber que os equipamentos utilizados nas emissoras eram diferentes e que havia uma relação íntima entre o faturamento da emissora, a audiência e o aparato tecnológico. Havia emissoras totalmente informatizadas (como a 98 FM, ligada às organizações Globo) e outras que ainda utilizavam aparelhos toca-discos (como a Rádio Colombo AM, uma das mais antigas da cidade). As diferenças davam-se desde os microfones utilizados até o tipo de espaço físico das cabines, sendo que as mais antigas traziam sempre espaços maiores. Outra questão observada dizia respeito a exatamente isso: cada emissora tinha uma expressão também no seu espaço físico. Como os participantes tinham conhecimento com antecedência de uma semana, pelo menos, da data da visita, tinham tempo para ouvir as emissões antecipadamente - alguns, na verdade, só iam às emissoras porque já eram seus ouvintes e tinham interesse em conhecer a

rádio. Muitas vezes, percebia-se que os participantes das visitas decepcionavam-se com as emissoras: as transmissões eram tão alegres, tão festivas que pareciam vir de um prédio grande, lindo, mágico. Mas, as construções eram normalmente pequenas, acabrunhadas, com poucos recursos, muitas vezes sem pintura, sujas ou precisando de reformas. A expressão, a “cara” da rádio sugerida pelas transmissões muitas vezes não se confirmava nas visitas.

Por vezes, também, o clima organizacional decepcionou os visitantes. Emissoras com transmissões musicais em FM, essencialmente, estimulam o ouvinte a imaginar pessoas bem-humoradas, felizes com suas atividades, comandando os microfones. As visitas demonstraram que as emissoras nem sempre conseguem manter esse humor fora de suas transmissões. Estresse, atrasos, problemas com equipamentos, falta de pessoal, cansaço e as mais diversas dificuldades puderam ser observadas pelos participantes do programa. A magia da rádio foi desfeita para a maioria dos participantes. Alguns relataram sua decepção nas sessões posteriores às visitas com muita tristeza, o que era maior segundo a assiduidade na audição de algum programa da emissora. Quando havia entre eles e a emissora um contato mais íntimo, por serem ouvintes freqüentes ou mesmo fiéis, pareciam sentir algo parecido com traição. Alguns explicitaram isso, dizendo que se sentiam enganados: “tanto tempo ouvi isso, acreditando que era verdadeira essa alegria”. A frase de um visitante de rádio FM marcou por ter sido confirmada por outros participantes. Outros disseram que para trabalhar em rádio era preciso ser mesmo um ator, porque tudo não passava de fingimento.

As discussões sobre esses sentimentos mostraram a dimensão de inocência em que muitos alunos se encontravam: sem conhecer a realidade do mercado de trabalho muitos estavam decidindo por algo que não gostariam de viver profissionalmente. Era mesmo uma escolha sem base, apenas pelo gosto por uma ou outra programação. Com as visitas, a opção tornou-se mais clara. A rádio não era mais apenas uma caixinha que transmitia música, notícia, esporte, mas um espaço profissional de atuação em que também as dificuldades estão presentes. Dentre os que visitaram emissoras e participaram das sessões nas quais houve discussão posterior sobre o clima

organizacional das emissoras, dois confirmaram não desejar mais atuar na área de rádio, porque perceberam que trabalhar em rádio não seria “mais divertido” do que atuar em um jornal ou em uma emissora de televisão.

Nas visitas feitas em momentos onde havia transmissão jornalística ao vivo, foi possível perceber a necessidade da organização, da rapidez, a importância do improviso, da atualização e da flexibilidade em lidar com as pessoas. Alunos do curso de Jornalismo sentiram-se entusiasmados com a rapidez e a agilidade de alguns repórteres e com o jogo de cintura de alguns âncoras, especialmente quando ocorriam problemas com a transmissão ao vivo de alguma matéria. Quando retornaram à universidade, esses alunos pareceram mais entusiasmados com a possibilidade de atuarem no rádio e alguns até declararam que sua visão sobre o veículo tinha mudado: eles sentiam-se motivados em dar a notícia primeiro, em pautar os demais veículos, em “dar o furo”. Infelizmente, apenas quatro emissoras visitadas possuíam programas ao vivo de jornalismo e não foi possível proporcionar muitas visitas a esses programas para não saturar a relação com a emissora.

Crescimento na aprendizagem

Entre os alunos participantes desse programa de extensão universitária, foi claramente possível perceber a importância de terem vivenciado essa experiência. Em discussões em sala de aula, era comum que citassem as vivências proporcionadas pelo programa de extensão em suas colocações. Usavam, muitas vezes, o que haviam visto e sentido nas visitas como argumento de autoridade, no sentido de dar às suas opiniões grau maior de validade por serem baseadas em um “fato real”, vivido “na prática”. Essas falas, por vezes, estimulavam os demais colegas a participarem também do programa para, assim, também obterem “dados reais” sobre o que ocorria nas emissoras de rádio. Além de ser possível perceber a importância dada pelos alunos à sua participação no programa, verificou-se um maior interesse pela pesquisa sobre os temas observados nas visitas. O interesse era maior naqueles alunos que participavam das sessões posteriores de discussão, mas, também estava presente em outros participantes que buscavam respostas

para suas dúvidas em outros materiais e em outras visitas. O que era dito em uma emissora era discutido em sala, percebendo-se, assim, um amadurecimento a respeito do mundo profissional da comunicação e menos deslumbramento.

Em sala, o fenômeno da “contaminação do real” trouxe tanto efeitos positivos quanto negativos. Os negativos podem ser descritos como a tentativa de imitar locutores, repórteres e mesmo programas inteiros nas atividades práticas realizadas em sala. Essa repetição não seria prejudicial se o aluno apenas estivesse tentando trazer para si o que de melhor havia no modelo a ser considerado, sem deixar de trazer suas próprias características e alguma criatividade nessa imitação. Portanto, é inaceitável se o aluno apenas deseja reproduzir o que já está no ar, já que a universidade deve ser o espaço da excelência em produção de conhecimento. Nessas simples repetições, a problematização não está presente e as oportunidades de crescimento intelectual do aluno são por demais reduzidas.

As vantagens que as visitas proporcionaram puderam ser percebidas na organização e planejamento de trabalhos práticos produzidos em sala de aula. Realizados como parte das avaliações das disciplinas, os trabalhos práticos normalmente despertam muito interesse nos estudantes, podendo-se perceber que entre os alunos que participaram das visitas o interesse acentuou-se. Esses alunos também passaram a agir com mais responsabilidade a respeito de prazos para a entrega dos trabalhos, tempo de programa e mesmo outras exigências de cada atividade prática (como o uso de música instrumental para as trilhas de fundo). Equipes de trabalho que possuíam pelo menos um membro que havia participado do programa iniciavam o preparo dos programas de rádio com mais antecedência, discutiam mais as idéias (normalmente não paravam na primeira) e resolviam seus problemas sem precisar da interferência da professora.

Outros aspectos observados na melhora dos trabalhos, com relação ao visto nas visitas, está ligado a assuntos como a locução, linguagem, edição de entrevistas e pautas voltadas para o interesse do público alvo do programa que estavam realizando em sala.

Entre os alunos participantes, foi observada uma melhoria quanto ao entendimento sobre a estruturação de programas e também mais segurança para improvisar no caso de entrevistas ou programas ao vivo. A observação de locutores ao vivo ajudou muitos a entenderem a importância da atenção, do bom humor, da organização e da flexibilidade para lidar com o não-planejado.

Infelizmente, não foi possível realizar uma pesquisa sobre a relação entre a participação no programa de visitas e a nota da avaliação bimestral referente ao período da visita realizada pelo aluno. Essa pesquisa poderia trazer indicativos mais objetivos sobre a interferência da visita na produção de materiais para rádio. De qualquer forma, uma pequena verificação nas notas de alunos da disciplina de Radiojornalismo de 2002, do curso de Jornalismo, e nos relatórios de visita indica uma leve melhoria nas notas: no bimestre em que o aluno participou das visitas foram observadas melhoras entre um a três pontos em relação ao período anterior (considerando-se que em 2002, ainda não havia pontuação extra na nota final para estudantes que participassem do programa).

O maior benefício do programa, no entanto, foi o despertar do interesse pela profissão, sem a ingenuidade e o deslumbramento que grassavam inicialmente, pois, tanto alunos quanto membros da comunidade parecem “despertar para a realidade” depois da visita. Para os estudantes, no entanto, o conhecimento do mercado de trabalho é vital para que estejam mais preparados ao decidir seu caminho profissional.

Referências

POLETTI, T. R. O contato com o mercado de trabalho e o aprendizado de radiojornalismo e disciplinas afins. FACINTER - II Congresso “A formação humana: discussões e análises, continuidades e rupturas”. Curitiba, 4 a 6 jul. 2007.